

O cristianismo enquanto acontecimento hoje

*No 19º aniversário da sua morte, o texto integral da conferência de **Luigi Giussani** organizada pela Associação Charles Péguy e pelo Centro Cultural San Carlo (Milão, 28 de outubro de 1992)*

por **Davide Proserpi**

Moderador. Don Giussani irá falar-nos esta noite do tema: «O cristianismo como acontecimento hoje», que é precisamente o génio segundo o qual a experiência que ele gerou e viveu, na Igreja e para a Igreja de hoje, nos tocou a todos. Haverá depois espaço para algumas perguntas.

Luigi Giussani. Objetivamente, parece-me que o significado do tema («O cristianismo como acontecimento, hoje») é ditado pelo facto de que, hoje, a palavra cristianismo é mais facilmente identificada com uma série de valores morais, ou com uma prédica dos valores morais, com uma preocupação de valores morais. Não estou a dizer, portanto, que o cristianismo não se interessa pelos valores morais, digo simplesmente que o cristianismo não coincide, efetivamente, com a prédica dos valores morais. A quem tenha assistido à Missa de domingo passado, a bellissima parábola do fariseu e do publicano (cfr. *Lc 18,9-14*) voltou a surpreender-nos: surpreende-nos sempre, no fim, quando diz que o publicano saiu do templo perdoado, «justificado», bem, em paz, ao passo que ao fariseu, que tinha se tinha vangloriado de todas as coisas que tinha feito – e não dizia mentiras, Cristo não disse, de todo, «O fariseu disse mentiras», – saiu de lá condenado. Não é necessário elucidar de imediato a razão última desta contraposição; pode ser que apareça como conclusão de outras reflexões. Mas quero dizer que o essencial, para alguém que tem de falar do cristianismo, pensar no cristianismo ou viver o cristianismo, o essencial é precisamente isto: não pode reconduzir aquilo por que se quer interessar, ou que quer viver, a valores morais que, pela sua própria força de vontade, possa traduzir em atos. O cristianismo é um facto, um acontecimento, um facto objetivo: mesmo que o mundo inteiro não acreditasse, não o poderia tirar. Não há raciocínio que possa resistir: «*Contra factum non valet illatio*», diante de um facto é inútil, a um facto não se pode opor o raciocínio, a força do raciocínio.

O cristianismo é um acontecimento, no sentido de que, antes de mais, não é uma pregação moral. Sendo um acontecimento que implica Deus, um movimento do Mistério na vida do homem, na história do homem, creio que a premissa mais importante é o tipo de atenção ou de ternura que o homem tem para consigo mesmo. Se um homem não tem atenção e ternura para consigo próprio, uma ternura como a que uma mãe tem para com o seu filho, está numa posição – digo eu – necessariamente hostil ao acontecimento cristão. Há uma frase de Rainer Maria Rilke da qual eu parto frequentemente para uma meditação sobre mim mesmo: «E tudo se une a silenciar-nos, em parte talvez por vergonha e em parte como esperança indizível» («Segunda Elegia», vv. 42-43, in *Elegias de Duíno e Os Sonetos a Orfeu*, (trad. de Vasco Graça Moura), Quetzal, Lisboa 2017, p. 27). Nunca encontrei uma síntese daquilo que o homem sente existencialmente sobre si mesmo, quando pensa em si com atenção, com um mínimo de atenção que dedique a si mesmo, comparável a esta frase de Rilke. O homem, quando olha para si mesmo, tem vergonha, sente desgosto, tem vergonha até ao desgosto, e, no entanto, não consegue negar um ímpeto, um ímpeto irreduzível, que constitui o seu coração, um ímpeto irreduzível a uma plenitude, digamos, a uma perfeição ou satisfação, que no seu valor etimológico são idênticas: «perfeição» tem um significado mais ontológico e «satisfação» mais eudemonológico, como que de sentimento. Eu creio que Deus se moveu precisamente para ser resposta a esta perceção que, na minha opinião, volto a repetir, é a única perceção realista que o homem pode ter de si mesmo, se pensar em si com atenção e ternura maternal. Se Deus se moveu, moveu-se para responder ao homem, ao homem que tem vergonha, vergonha e desgosto de si mesmo, que encontra limites em si, limites com os quais

é conivente, por um lado, e, por outro lado, não pode, não consegue fechar a boca deste grito que está no seu coração, desta expectativa que tem na sua alma.

Portanto, Deus deu este passo para responder à situação do homem. Foi por isso que deu este passo, tornando-se salvador do homem: é o salvador do homem, é o redentor do homem. Mas não quero insistir apenas nestes pormenores, embora me pareça necessária esta premissa: que Deus se moveu por mim. São Paulo di-lo textualmente: «... que me amou e se entregou por mim» (cf. Gal 2, 20). E cada um de nós, que aqui estamos – desculpem-me dizê-lo –, deve repetir, pode repetir e deve repetir esta frase de São Paulo: «Por mim», isto é, para me libertar; para me libertar, sim, para me libertar do desgosto de mim mesmo e do peso deste limite, que encontro em tudo o que faço. Deste ponto de vista, o cristianismo tem um ponto de partida pessimista acerca do homem. Não é por acaso que fala do pecado original, como o primeiro mistério, sem o qual não se pode explicar mais nada; é mistério, mas sem este mistério não se pode explicar mais nada sobre a contradição em que o homem inexoravelmente vive. Se é pessimista, se é inicialmente pessimista em relação ao homem, acaba, no entanto, num otimismo, num otimismo profundo, profundo e desafiador. O otimismo graças ao qual se pode afirmar: «Se Deus é por mim, quem poderá ser contra mim?» (cf. Rm 8, 31), como diz ainda São Paulo. O movimento de Deus consistiu no facto de o mistério de Deus ter tomado a forma de um homem verdadeiro, ter tomado a realidade de um homem verdadeiro, isto é, de um homem que é concebido no ventre de uma mulher e que, a partir desse pequeno e quase invisível grão, se desenvolve como bebé, como criança, como adolescente, como jovem, até vir a ser, até se tornar, o centro das atenções na vida social do povo judeu, a ponto de arrastar atrás de si as multidões, e até ter contra si as multidões, devido à atitude dos que têm o poder nas mãos, até ser crucificado, morto, e até ressuscitar, ressuscitar dos mortos.

Por isso, a iniciativa de Deus é um facto, um facto inteiramente humano. Aos jovens, para explicar o que significa tudo isto, digo: «Pensemos num casal que não tem filhos durante dois anos, imaginemos como se exprime a sua vida, com que facilidade até se ordena. Passados dois anos, têm um filho. O filho perturba toda a sua vida e já não podem fazer o que faziam antes». Pois bem, o acontecimento cristão é como uma criança que nasce numa família – de facto, nasceu também como uma criança –: o acontecimento cristão é Deus que entra na vida do homem e na história do homem, tal como uma criança que nasce de uma mulher entra na história do homem e na vida da sua família e na história da humanidade. São João, na sua primeira carta, diz aos primeiros cristãos: «O que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos apalpamos acerca do Verbo da vida», ou seja, da verdade, «isso vos anunciamos» (cf. 1Jo 1,1-3), porque a verdade se tornou palpável, visível, audível, como se ouve alguém que fala, como quem vê alguém que se torna presença, como se tocam as mãos de um amigo.

Poderia parar por aqui, porque o que há a fazer, neste momento, é apenas olhar de frente para este acontecimento, para este facto que aconteceu. E uma pessoa sente, efetivamente, toda a sua responsabilidade em jogo, quer o reconheça, quer não, porque podemos reconhecê-lo e podemos não o reconhecer. Muitas pessoas, que O viram, reconheceram-no e depois não O reconheceram, gritaram: «Crucifica-O!» (Mc 15,13-14). Mas isto é compreensível para nós, que sabemos por nós próprios o que é o homem, como se pode comportar. E depois, o resto são aprofundamentos sugestivos, que numa educação para a fé devem ser comunicados aos jovens e que cada um pode refazer por sua conta. Digo que posso parar por aqui, porque gostaria de saber o que mais se pode dizer para além disto: que Deus se fez homem! Então, o cristianismo é tocar, ver, escutar, aderir, seguir este homem. Como aconteceu com São Pedro.

Daquela vez, na sinagoga de Cafarnaum, Jesus tinha falado longamente e tinha-se comovido, porque todas as pessoas que tinham estado com Ele do outro lado do lago de Tiberíades, no dia anterior, tinham dado a volta ao lago para o irem procurar. Ele tinha fugido, a certa altura, porque queriam fazê-lo rei: tinha multiplicado os pães! Entraram na sinagoga de Cafarnaum e Ele, comovido com o fervor com que o povo O procurava, O tinha procurado, disse: «Vós procurais-Me porque vos dei pão

para comer, mas Eu dar-vos-ei a minha carne para comer» (cf. Jo 6, 26-58). Precisamente porque Cristo era um homem, as imagens vinham-lhe da sua experiência de homem, e a imagem mais inconcebível que lhe vinha, a de ficar connosco sob o sinal do pão e do vinho, essa coisa, que é a mais inconcebível de todas as que ele podia pensar, vinha-lhe então, pela emoção que a fidelidade exterior daquelas pessoas pelo menos lhe suscitava: aquelas pessoas procuravam-no. Mas a Sua resposta não correspondia ao que o povo esperava d'Ele. Então, também sob a influência dos intelectuais, o povo vai-se afastando lentamente, até restarem, no silêncio do crepúsculo da noite, os devotos habituais. Jesus é o primeiro a romper o silêncio: «Também vós quereis retirar-vos?». E Pedro, com a sua habitual espontaneidade: «Senhor, nós também não compreendemos aquilo que dizes, mas se formos embora, aonde iremos? Só Tu tens palavras que dão sentido à vida» (cf. Jo 6,59-69).

Digo que este grupinho de pessoas que o seguiam constitui, precisamente, o início da história cristã: porque O seguiram, reconheceram que havia qualquer coisa de excepcional n'Ele, e não sabiam explicar o porquê nem o como. De facto, quando Cristo lhes pergunta noutra ocasião: «“Quem dizem os homens que Eu sou?”. “Uns dizem que és filho de Belzebu, outros dizem que és um grande profeta”. “Mas vós, quem dizeis que Eu sou?” “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”, respondeu-lhe Pedro. E Cristo, disse-lhe em resposta: “Tu és bem-aventurado Pedro, tu és feliz, porque me deste uma resposta que não podes compreender e deste-a porque o Pai ta revelou” (cf. Mt 16, 13-17). Pedro não tinha feito mais do que repetir as palavras que Jesus tinha dito de si mesmo noutras ocasiões. Seguiam-no bebendo, aderindo ao que entendiam, fazendo o que Ele dizia, na medida do possível. Assim como eram, reconheciam-no, indo atrás d'Ele. Foram atrás d'Ele. Cá está, o cristianismo é a história de homens que, de alguma forma, entrando em contacto com este acontecimento, com o acontecimento de Cristo, com este facto histórico, foram atrás dele, cada um como podia, cada um como pode.

Há, de facto, uma coisa a acrescentar, antes dos dois corolários que gostaria de sublinhar.

A iniciativa de Deus é que o Mistério se tornou uma criança no ventre de uma mulher, um pedaço de carne no ventre de uma mulher, parte do corpo de uma mulher, nascido como qualquer outra criança. Penso muito, fico sempre muito impressionado, com o início do Evangelho, a Anunciação do anjo a Maria, porque há todo o discurso e no fim Maria diz: «*Fiat*, sim, faça-se em mim segundo a Tua palavra». E depois disso há uma frase que diz: «E o anjo retirou-se de junto dela» (cf. Lc 1,38). Fico verdadeiramente impressionado e quase todos os dias penso na situação em que se encontrava aquela rapariga de quinze, dezasseis anos: absolutamente sozinha, com o Mistério que tinha dentro de si – e que nem sequer podia constatar, porque acabara de começar –, a ter de contar aos pais, a ter de contar ao noivo. «Bem-aventurada és tu, que acreditaste que em ti se cumpriria o que Deus disse» (cf. Lc 1,45), dir-lhe-á a prima Isabel, que Maria foi visitar logo, imediatamente, porque tinha sabido pelo anjo que estava grávida de seis meses (cf. Lc 1,36-45).

Então, o mistério de Deus aproximou-se do homem, tornando-se criança: este é o facto. E o cristianismo é este acontecimento, "é" este acontecimento.

Mas... e agora? Não digo agora, mas dez anos depois da morte de Cristo, um ano depois da morte de Cristo, cem anos depois, quinhentos anos depois, mil anos depois, dois mil anos depois, agora, porque a pergunta que me faço é: agora onde está? Os primeiros cristãos, que ainda viveram no tempo dos apóstolos, também fizeram esta pergunta quando Jesus se foi. Uma pessoa, contactada no dia seguinte à Sua ascensão ao céu, fazia a mesma pergunta que eu faço agora. Porém, Ele disse: «Estarei convosco “todos” os dias» – reparem nestas frases do Evangelho, que representam sempre uma coisa grande – «estarei convosco todos os dias até ao fim do mundo» (cf. Mt 28,20). E eu sou cristão porque Ele, Deus, está presente no meio de nós e estará connosco todos os dias até ao fim do mundo; sou cristão por isso, posso ter cometido mil erros ontem e dez mil crimes, se digo que sou cristão, precisarei mais da misericórdia de Cristo do que os outros, mas sou cristão, e aquele que não cometeu crimes, que pagou o dízimo, que celebrou todas as festas da liturgia judaica, o fariseu, não é!

No entanto, Cristo permaneceu presente no mundo, na história, e estará presente até ao fim dos tempos através da unidade daqueles que Ele agarra e traz para a Sua personalidade; e criou precisamente um gesto, com o qual toma o homem e o traz para a Sua personalidade, que se chama Batismo, é o sacramento do Batismo. A Sua presença é visível, é tangível, é audível, como unidade dos crentes

n'Ele, que também historicamente tem um nome, «Igreja», que não significa outra coisa senão reunião. Mas a objetividade da Sua presença é salva, é assegurada precisamente por esta unidade, como se esta fosse uma tenda, como a tenda sob a qual se encontrava o mistério de Deus, a tenda erguida no meio do alinhamento judaico: é como uma tenda, esta unidade entre as pessoas que creem n'Ele, que O reconhecem, que Ele agarrou e fez entrar na Sua personalidade; é como uma tenda esta unidade em que Ele realmente está. E a Eucaristia não é senão a expressão concreta, última, da Sua concreta presença.

São Paulo, que foi quem mais sublinhou esta identidade da presença de Cristo, de Deus feito homem, com a unidade dos crentes n'Ele, compreendeu-o quando, caído do seu cavalo, ouviu que lhe diziam: «Saulo, Saulo, porque Me persegues?» (cf. Act 9, 3-4). Ele nunca tinha visto Jesus de Nazaré, nunca o tinha visto, e perseguia os cristãos: ele perseguia os cristãos. «Saulo, Saulo, porque “Me” persegues?”. Esta deve ter sido a intuição que tornou clara para São Paulo a identidade de que falamos. Mas essa identidade já era visível no tempo do próprio Cristo. Como não podia ir a todo o lado, enviava os seus, dois a dois, às aldeias que O procuravam; e eles voltavam entusiasmados, dizendo: «Mestre, aquilo que fazes, também nós o fizemos; os milagres que fazes, também nós os fizemos. As pessoas também nos ouvem» (cf. Mc 6,7-13). O mesmo fenómeno que acontecia onde Ele estava, acontecia na aldeia onde dois iam. Como é que Cristo estava presente na aldeia onde dois iam? Através daqueles dois que tinha enviado. O método que Cristo utilizou para continuar a Sua presença entre nós, o método que utilizou estava já em vigor quando Ele estava vivo. Através da presença daqueles que acreditam n'Ele, Ele está presente, no sentido literal da palavra.

Portanto, o cristianismo como acontecimento é Deus feito homem e presente na história, no seio – para me exprimir claramente – da unidade daqueles que acreditam n'Ele. Esta unidade tem um valor não afetivo, não se resolve no termo «companhia», não é identificável com pessoas semelhantes: «Vós que fostes batizados», diz S. Paulo, «identificastes-vos com Cristo. Já não há judeu ou grego, escravo ou livre», as grandes divisões sociais e culturais da época, «nem homem nem mulher, mas todos vós sois um, um só em Cristo Jesus» (cf. Gl 3,27-28), e usa o termo *eis*, que em grego significa «um», no sentido pessoal, de pessoa, mas masculino: «Sois um, *eis*...» «Tu és “eu”», tinha dito a São Paulo: «Porque “Me” persegues?». Este é o aspeto mais difícil, sem dúvida, para mim; perdoem-me se me atrevo a dizer, para todos nós, porque o modo como fomos educados – disse-o também a um jornalista no outro dia em Lourdes (cf. «Don Giussani: o poder egoísta odeia o povo», entrevista de G. da Rold, *Corriere della Sera*, 18 de outubro de 1992, p. 3; agora, em *O eu, o poder, as obras*, Lucerna, Cascais 2019, pp. 218-223) – esquece um pouco isto, ou passa-lhe um pouco ao lado. Mas eu posso conhecer Cristo através de algo presente. Porque este é o génio de Deus, que, para se dar a conhecer ao homem e para o salvar, se fez presente.

A unidade dos crentes é o rosto contingente, até mesmo banal, desta presença divina. E assim como, naquela altura, aqueles que o seguiam se tornavam cristãos e se transformavam, agora, aqueles que seguem esta unidade, a quem Cristo deu um sinal absoluto de objetividade, que é o bispo de Roma, o chefe da comunidade de Roma, são cristãos e mudam, mudam como homens, porque tudo, tudo converge para isso – até um concílio ecuménico, se não tiver a assinatura do bispo de Roma, não é válido, não seria válido. É exatamente o contrário do que imaginamos ou gostamos de imaginar: não é a nossa opinião que nos leva a Deus, não é o nosso modo de pensar, não é uma comparação dialética com os outros, não é o resultado de um estudo teológico: é seguir uma presença. O primeiro corolário que queria referir é, portanto, este: seguir uma presença. Mas "seguir uma presença" explica também o caminho moral; não só a adesão, do ponto de vista da adesão, mas também o caminho moral que um homem faz. Há uma comparação lindíssima na natureza: como é que uma criança adquire a sua própria personalidade? Quanto mais humanamente rica, intensa, atenta, respeitosa for a família, em suma, quanto mais humana for a família na maneira de tratar a criança e quanto mais fiel for à sua tarefa, mais a criança cresce com personalidade própria, torna-se ela própria, adquire uma personalidade seguindo os pais, o facto, o acontecimento da família. Seguindo o acontecimento da família,

absorvendo as suas provocações, quase por osmose, quase por uma pressão osmótica, descobre, aos quinze anos, que é diferente dos outros porque teve uma família assim, e que é ele próprio porque sabe dar razões para o que escolhe, sabe dar razões para o que faz. O problema moral para o cristão é semelhante.

Tal como ser cristão é aderir a uma presença, é seguindo esta presença, ou seja, participando nas provocações desta presença, que uma pessoa muda, que uma pessoa percebe e muda. Com uma cláusula belíssima, que o Senhor sublinhou com a sua fórmula de perfeição, quando disse: «Sede perfeitos como o vosso Pai do céu é perfeito» (cf. Mt 5,48). E quem é que pode ser perfeito como Deus? Cristo indicou, portanto, que a moralidade verdadeira é uma tensão vivida, é um caminho, em suma: a vida como caminho, *homo viator*. As pessoas Idade Média perceberam isto muito bem: a vida é uma viagem, por isso o valor de uma pessoa está em ser fiel nesta tensão, tensão para aprender e para seguir. E mil vezes caísse num dia, mil vezes recomeça. O segundo corolário que quero sublinhar é, então, este conceito de moral como tensão. Santo Ambrósio escrevia, numa carta, que um santo não é aquele que não cai, mas aquele que tenta continuamente não cair (cf. Santo Ambrósio, *Explanatio Psalmi 1.22*, *Explanatio Psalmi 36.51*). Lendo a passagem de Santo Ambrósio, eu observava aos jovens da escola: «Imaginem um homem que errasse todos os dias, porque tem um defeito muito grande, gravíssimo – e todos os dias erra, todos os dias –, e todas as manhãs, ao levantar-se, diz: “Deus, peço-te humildemente, ajuda-me a superar-me, ajuda-me a corrigir-me”, e todos os dias errasse, e durante cinquenta anos se levantasse todas as manhãs com esta intenção sincera, com este grito sincero, e todos os dias errasse...: é um santo – um santo! –, um santo cujos dias estariam cheios de erros». O conceito de moral que nasce do cristianismo como acontecimento é precisamente este: a moralidade é uma tensão, que acontece como seguimento; e uma pessoa segue como pode, como consegue, de acordo com a graça que lhe é dada. A partir de tal quadro, o Mistério assume uma figura, assume um rosto: «Ele não é o Deus dos mortos, mas o Deus dos vivos» (cf. Lc 20,38), diz Cristo, ou seja, não é o Deus dos nossos pensamentos, mas o Deus verdadeiro, real, que está antes de tudo, incomensurável com qualquer pensamento nosso. «Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos e os meus caminhos não são os vossos caminhos» (cfr. Is 55,8). Mas este Mistério, num tal quadro, não continua de todo a ser um mistério, não permanece desconhecido. Aquele menino que se torna adulto, morre e ressuscita, e ressuscitando investe irresistivelmente a história, atraindo a Si os homens, cuja unidade constitui o seu Corpo, Corpo misterioso, Corpo místico – diz-se –, ou povo de Deus, que é como – tomei a liberdade de fazer a comparação há pouco – a tenda dos judeus no deserto, que continha a arca da Aliança, este Mistério realmente presente, num quadro assim, explica-nos realmente o Mistério. Explica-o no sentido em que mostra a correspondência precisa, perfeita, poderosa, sugestiva, terna, do Mistério para com a nossa vida – como dizia Rilke, debilitada por um lado e cheia de indizível esperança por outro: chama-se «misericórdia». A definição suprema do Divino, do Ser, que Cristo introduziu no mundo e que, através da unidade dos crentes, permanece como proposta ao pobre homem de qualquer tempo e em qualquer condição, é a palavra «misericórdia». Deus é misericórdia, uma palavra de outra forma inconcebível para nós.

Moderador. Muito obrigado! Agora, como eu dizia, há espaço para algumas perguntas, que talvez nos ajudem a compreender o alcance daquilo que *don* Giussani nos disse.

Giussani. No entanto, há uma prova contínua deste alcance, pelo menos para mim, porque ao falar assim, dezenas e dezenas de milhares de pessoas seguiram e seguem. Falando assim! Lembro-me de que um grande sacerdote da nossa diocese, por quem sinto uma grande estima, padre Barbareschi (Monsenhor Giovanni Barbareschi, 1922-2018, da diocese de Milão), tinha ido a uma reunião que eu costumava fazer no salão vermelho do PIME (Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras), para estudantes universitários. Tinha entrado e ficado ao fundo. Eu perguntava-me: «O que será que está a fazer aqui?», porque parecia um pouco envergonhado. Depois acabámos, saíram todos, e ele ficou ali e

disse-me: «Ouve, mas tu falas sempre assim?». E eu disse-lhe: «Bem, sim!». E ele: «O que é que eles veem nisso?». E assim tive de fazer um ato de humildade.

No entanto, não creio que se trate de uma intransigência cega. O cristianismo não é concebível senão nestes termos. Não esgotei os termos, referi alguns termos que me parecem fundamentais. Porque o Menino Jesus é fundamental, tal como é fundamental a unidade da Igreja, que é a unidade dos crentes, mas sem reconhecer a norma objetiva do magistério papal já não é uma unidade, é abandonada à hermenêutica, à interpretação dos homens, e cada um pode pensar o que quiser – e quem os impede? E se esta Igreja não se tornasse tão próxima de ti e de mim, para se realizar numa companhia em que nos encontramos e ajudamos uns aos outros, com mais cinquenta, sessenta, setenta, oitenta pessoas, o que seria? Uma coisa abstrata ou uma coisa política, um fenómeno curioso ou um fenómeno político. É por isso que João Paulo II dizia há algum tempo, aos bispos espanhóis de Tarragona – repetiu-o recentemente, já não me recordo em que ocasião – que a Igreja deve coincidir com uma comunidade viva, à volta da pessoa (*Discurso aos bispos espanhóis de Barcelona e das províncias eclesiásticas de Tarragona e Oviedo, na sua visita "ad limina apostolorum"*, 11 de novembro de 1991, 5: “O despertar do povo cristão para uma maior consciência da Igreja, construindo comunidades vivas nas quais o seguimento de Cristo se concretiza e inclui todas as dimensões da vida, é a resposta adequada à cultura secularista que ameaça gravemente os princípios cristãos e os valores morais da sociedade” (É este o método de que falava ao jornalista que citei há pouco: uma vez que Deus fez o homem e a mulher e fez a história do homem como salvação, fazendo-se companheiro do homem, o Deus da família é o Deus da Igreja, isto é, do povo que gritou a Deus e foi salvo, como dizia Ester na Bíblia (cf. Est 10,3f). Lemo-lo uma vez por semana na Liturgia das Horas: «O povo clamou a Deus e foi salvo» (cf. Sl 22(21),6)). Portanto, é o mesmo método: Deus, para fazer nascer o homem, para fazer crescer o homem, para definir o homem, para tornar o homem perfeito, usa o mesmo método: a família como primeira companhia. Mas se esta não souber expandir-se, torna-se uma prisão ou torna-se um túmulo e uma pessoa foge, foge.

É por isso, então, que se nasce na "família" que é a unidade dos crentes, a Igreja, a Igreja corpo de Cristo, nasce-se no corpo de Cristo e tornamo-nos grandes, porque na Igreja ninguém é como tu e ninguém é como eu, não há ninguém igual a outro. E esta diversidade, que na cultura liberal e racionalista é uma poderosa objeção à convivência – a diversidade é uma poderosa objeção para a cultura moderna, por exemplo para a própria viabilidade do Estado –, torna-se aqui a riqueza de uma identidade que está além e que gera todos. Porque Cristo é ontem, hoje e sempre; é para Ele que tem o seu carácter, que eu gostaria de ter, e é para mim que eu tenho o meu carácter, que ele gostaria de ter.

Intervenção. Queria perguntar: no nosso dia a dia, tantas vezes sobrecarregado por dezenas de problemas, como é que fazemos para viver, para seguir aquela Presença?

Giussani. Seguir a Presença é idêntico a outra expressão: fazer memória daquela Presença. Quando eu andava no ensino primário – depois entrei no seminário – o meu pai, especialmente o meu pai, era uma presença constante aos meus olhos. Só roubei uma vez na minha vida: a caminho da escola, um colega que estava ao meu lado, diante de uma banca de verdura, onde havia castanhas assadas, disse-me: «Toma, toma!» E eu estendi a mão e peguei nelas, sem que ninguém me tivesse visto. À noite, o meu pai chegou do trabalho e disse-me: «Ouve, o que é que fizeste esta manhã?». Sentia o meu pai omnipresente, em suma, como Deus. Por isso, a maneira de seguir esta Presença é recordá-la. É por isso que a Igreja diz: se nesse lapso de tempo que se torna para todos os homens a medida da sua expressividade, que é o trabalho, a semana de trabalho, se durante esse lapso não dedicares um único momento à memória de Cristo, não fores à missa ao domingo... menos do que isso, morres: pecado

mortal! Ou seja, não é evasivo dizer que para seguir esta Presença é preciso recordá-la, fazer memória dela.

Há um texto muito bonito, que já deves ter lido, *Relatos de um peregrino russo*, um texto ortodoxo russo, onde se diz que é preciso habituarmo-nos a invocar o Senhor, a fazer memória do Senhor, uma, dez vezes, cem vezes, dez mil vezes por dia, até coincidir com o nosso respirar (cf. *Relatos de um peregrino russo*, Paulinas, Lisboa 2007). É o que diz o texto, duma maneira lindíssima. Se eu pensar que o Senhor é mais concreto do que a minha mãe, é mais meu do que a minha mãe ou o meu pai, se eu pensar nisso, então o desejo de multiplicar a memória não é apenas lícito, é inevitável, e fazê-lo torna-se não só possível, mas real. Assim, uma pessoa pode cometer um erro conscientemente, e depois lembrar-se imediatamente daquela Presença. E esta multiplicação da recordação encurta cada vez mais o tempo do esquecimento e o tempo da traição. Porque o esquecimento, para o homem adulto, é o esquecimento d'Aquele de quem está a nascer. Porque eu, neste momento, não me faço a mim próprio. Digo sempre aos jovens: «Digam-me se há coisa mais óbvia do que isto, que neste instante tu não te fazes, eu não me faço». Portanto, neste instante, eu nasço de outra coisa e essa outra coisa chama-se Deus, que se fez homem, portanto eu nasço de Cristo. Quanto mais esta reflexão amadurece a personalidade, não é um extra, não é uma fuga para uma abstração, quanto mais multiplico esta memória, mais sinto a consistência do meu eu nascer onde nasce. No entanto, a mesma fraqueza paira sobre mim, de modo que, enquanto penso nisto, posso cair, escorregar.

Insisto nestas coisas, porque é muito bonito que o cristianismo seja misericórdia, que o Ser seja misericórdia: é inconcebível, humanamente, pensar no próprio destino se não for misericórdia. De facto, aqueles para quem o destino não é misericórdia não pensam nele, não podem pensar nele. E como o destino se sente cada vez mais e chega, os primeiros são mais inteligentes do que os segundos. E depois, desculpem, a verdadeira resposta à pergunta de há pouco – que para seguir é preciso recordar – é isenta de qualquer moralismo; não são leis a aplicar, é uma memória a ter. Quando eu estava na escola, com o meu professor Fossataro, centurião da milícia, no quinto ano, tinha sempre o meu pai no pensamento: não eram as leis que o meu pai me explicava, era ele! E eu aplicava as leis lembrando-me dele. É mais sintético, mais afetivo, mais humano, mais simples.

Intervenção. Se a memória permite que este facto, este acontecimento, permaneça vivo, porque é que acontece, por exemplo, que mesmo entre nós cristãos, talvez fazendo memória, o acontecimento é muitas vezes reduzido a regras humanas? Digo isto porque o vejo como uma tendência em mim, e depois porque me acontece muitas vezes, por exemplo na Missa, ver isso reproduzido nas homilias que comentam a liturgia.

Giussani. Estou de acordo consigo, não sei o que lhe dizer: é o método que está errado, o método de transmissão. Os pais, como eu disse àquela jornalista em Lourdes, querem a felicidade dos filhos, mas é como se se tivessem esquecido de lhes ensinar o método para tentarem lá chegar. É como se não soubessem que caminho lhes ensinar para lá chegar. E assim nós podemos comunicar a nossa fé, comunicar a nossa evidência do facto cristão, comunicar a nossa mensagem: «O Mistério de Deus está entre nós», sem respeitar o método que esta verdade implica. E o método é o que Cristo criou: o método é a presença, tal como Ele a definiu, a presença da unidade dos crentes, a presença de uma companhia; companhia quer dizer pessoas que estão juntas porque Ele está ali, porque O reconhecem. Não é absolutamente necessário ter, por assim dizer, a avidez que eu posso demonstrar em certos momentos, cada um tem o seu carácter. Mas esta é a resposta. O método é ensinado por Ele: «Sejam unidos, sigam; para Me seguirem, têm de seguir a vossa companhia; companhia, isto é, uma unidade de pessoas que se juntam porque Eu estou lá, porque Me reconhecem. Depois ensinam-se uns aos outros, perdoam-se uns aos outros». É um defeito de método na transmissão.

Na minha opinião, durante cem anos, como cristãos, como povo cristão, enganámo-nos neste ponto, como método, como método de comunicação. Diz-se: «Os fatores fundamentais da realidade da Igreja são o Magistério infalível...» – o Magistério, que é uma realidade objetiva, infalível, porque a última palavra não está na minha interpretação, a última palavra está fora de mim, e este é um valor implícito do cristianismo: o valor último, a verdade é uma realidade fora de mim; saíam de casa, encontravam a Verdade que estava a falar na rua: Deus, companheiro do homem – «... o Magistério da Igreja e os Sacramentos». E o que é o sacramento? Uma presença. O sacramento é a forma mais simples da memória. Portanto, primeiro dizemos estas duas coisas, mas depois, metodologicamente, perseguimos a nossa imagem de comunicação ou de avaliação, de julgamento, a nossa imagem conclusiva, o fim das nossas discussões, o parecer teológico de uma disputa teológica, o que dizem os jornais, o que diz a televisão, o que dizem os padres.

É espetacular – repito aquilo que digo aos jovens – que Cristo nos tenha obrigado a uma única coisa, a fazer uma única coisa, obrigou-nos a uma única coisa, como método de comunicação com Ele: os sacramentos, que são gestos em que o homem não precisa de fazer nada, a não ser estar com os olhos abertos, atento. Como os homens que se confessavam na Páscoa, *illis temporibus*, vinham e ficavam ali. Depois eu fazia algumas perguntas e eles diziam: «Sim», ou até: «Sim, não», acenavam com a cabeça e eu dava a absolvição. Menos do que isso, morre-se. Não há necessidade de pensar nada, de ser capaz de sentir, de ter qualquer emoção particular. É como dizer: isto é um livro! O cristianismo é um facto! Então, a maneira de o aprender é estar dentro dele; é estar dentro de uma companhia de pessoas que se juntam ou que se reconhecem unidas porque Cristo está ali. Chama-se a isso «comunhão», como o sacramento. Mas há uma distância entre isto e a forma como estamos habituados a viver, porque – peço desculpa – foi precisamente isto que não nos foi ensinado. Tal como hoje estamos a perder o sentido da família, aquela coesão que, por osmose, por pressão osmótica, faz crescer uma criança, faz dela uma pessoa, afirma a sua personalidade, também há muito tempo que estamos a perder o sentido desta "família", desta familiaridade com Cristo, que é a unidade entre nós em Seu nome (é por isso que, na companhia da Igreja, pode entrar o delinquente e pode entrar o santo, e quem tem menos objeções a que lá esteja um delinquente é o santo).

Intervenção. Falou de ternura, a ternura do homem para consigo próprio e a ternura de Deus para com o homem. Gostaria de saber mais, porque a ternura pertence a uma esfera muito íntima, não consigo perceber muito bem do que se trata.

Giussani. A resposta já está na sua pergunta. Diz que a palavra ternura pertence, indica uma esfera muito íntima, mais íntima do que eu a mim mesmo. E se me olho, se me percebo, como disse antes, como uma realidade que neste momento é feita por Outro, se tenho consciência de que estou a emergir do Mistério agora, é com espanto que olho para mim. Se me olho como um dado ou como um dom, fico maravilhado comigo mesmo, e olho-me como uma mãe olha para o filho que acaba de dar à luz. Em vez disso, o nosso orgulho, o nosso desejo de afirmação faz-nos ser estranhos a nós próprios, faz-nos ser duros connosco. É por isso que penso sempre em Rilke, naquela frase: «E tudo se une a silenciar-nos, em parte talvez por vergonha e em parte como esperança indizível». Ambas as coisas estão lá. E a Igreja é o único lugar onde estas duas coisas são afirmadas pelo homem, o único lugar onde este paradoxo, ou esta contradição, está compreendida, esta contradição piedosa e amada – não que a contradição seja amada, é a unidade que está nesta contradição que é amada. Mas a coisa mais bonita que me ensinaram foi a palavra «misericórdia». Ela não existe no vocabulário. Ou seja, existe no vocabulário, mas é a única palavra, intensamente necessária, quotidianamente necessária, que não pode nascer da nossa experiência. Eu lembro-me sempre – perdoem-me se acrescento isto, depois juro que não falo mais – que, quando tinha três anos, costumava ir com a minha mãe às Vésperas. Na igreja, havia um grande púlpito com a forma de um caracol dourado. Eu estava ali, sentado com a minha mãe,

e estava o padre que esbracejava, gritava, e eu estava ali, sempre muito atento; a certa altura, o padre citou uma frase: «Mesmo que a tua mãe te abandonasse, eu não te abandonarei» (cf. Is 49,15). Fiquei tão assustado que olhei para a minha mãe, que estava ali, e olhei para ela aterrorizado, com a ideia de que ela me podia deixar. A minha mãe virou-se para mim, sorriu-me, e então acalmei-me. Mas, num sentido muito diferente, aquele momento é um dos momentos capitais da minha vida: é a partir desse momento, é nesse momento que começa a raiz das coisas que percebi. Ter uma mãe é um acontecimento, não há leis morais a aplicar; mas ter uma mãe significa, a partir de dentro, a vontade de se comportar de uma certa maneira, de lhe dar um beijo ou de lhe dizer sim, ou de chorar porque se cometeu um erro, porque se desobedeceu; e isso vem de dentro. Ao passo que a moral, em todo o mundo, vem de fora e, normalmente, torna-se uma moral de Estado, é enfatizada estatisticamente, porque os valores morais que são impostos são aqueles – como diremos – úteis ao Estado, no momento histórico que está a atravessar.

Moderador. Agradecemos-lhe infinitamente. Estamos comovidos e maravilhados. Um agradecimento profundo, também pelo esforço de estar aqui conosco.

© 2024 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de L. Giussani